

(RE)CONHECER O ISLÃ

Emily Fonseca de Souza¹

Resenha do livro: ROBINSON, Chase F. *Civilização islâmica em trinta biografias: os primeiros mil anos*. Trad. Julia C. Rodrigues. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2017.

O islã é a religião que mais cresce no mundo, ocupando o segundo lugar em número de crentes, perdendo apenas para o cristianismo. Entretanto, na América Latina, a presença dessa religião ainda está longe de refletir os números absolutos de seu crescimento, se comparado a outras regiões do globo. A pouca presença de muçulmanos alimenta na maioria da população uma ideia de islã que flutua entre a figura das odaliscas e sultões alegóricos advindos das *Mil e Uma Noites* e suas adaptações ocidentais no cinema e das imagens do terrorismo extremista que chega pelo jornalismo ocidental.

Nos últimos anos, porém, a adesão do Brasil à Convenção da Organização das Nações Unidas (ONU) para a Redução dos Casos de Apatridia e a criação de órgãos nacionais como o Comitê Nacional para os refugiados (CONARE), que garante alguns direitos básicos aos refugiados – como documentos e liberdade de movimento no território nacional – facilitou a entrada e o pedido de refúgio no país. Como consequência, o Brasil tem recebido um número expressivo de pedidos de refúgio oriundos dos países do Oriente Médio e África, entre outros, que passam por guerras, repressões políticas, etc. Para além dos traumas dessas vivências, esses novos refugiados trazem consigo uma identidade relativamente nova para o Brasil, a islâmica.

Ainda que o número seja infinitamente menor que os registrados em países da Europa, por exemplo, nas grandes cidades brasileiras a presença desses refugiados tem despertado o interesse por essa cultura árabe e islâmica. Entretanto, o desconhecimento da história dessas sociedades e a desinformação alimentada pela mídia, que homogeneiza o islã na figura da ortodoxia extremista de grupos como o Estado Islâmico do Iraque e do Levante (EIIL), espalham uma ideologia islamofóbica sem precedentes.

Conhecer as origens, as histórias e as pessoas que construíram o islã seja, talvez, a forma mais eficaz de desmitificar a visão deturpada comumente retratada no Ocidente a respeito da civilização islâmica, e a tradução da obra de Chase Robinson é uma bela contribuição nesse sentido.

Publicado originalmente pela University of California Press, em 2016,

¹ Mestre em História Social pela Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). Pesquisadora em Ciências Humanas e Sociais no Centro de Pesquisa e Formação do Sesc São Paulo.

o livro *Civilização islâmica em trinta biografias* traça os primeiros mil anos de história do islã e das sociedades que foram islamizadas ao longo desse período. Chase Robinson é um historiador do islã que, após seu doutorado em Harvard, atuou durante anos lecionando no Departamento de Estudos Orientais da Universidade de Oxford. Hoje, é presidente do Centro de Graduação da Universidade de Nova York, onde foi nomeado professor honorário em História. Tem publicado diversas obras importantes para o estudo das sociedades islâmicas e elas têm se destacado por conseguir alcançar um público para além do círculo acadêmico.

O livro de Chase Robinson é a oportunidade de conhecer as personalidades que construíram as leis, a religião, os saberes e a cultura nos primeiros mil anos de história do islã e tem como um dos principais méritos a distância de uma dicotomia entre bem e mal, sintoma presente em muitas obras que tratam do islã no ocidente. As biografias são apresentadas com todas as suas contradições, o que torna a leitura rica e longe de uma tentativa de vitimização ou demonização de toda uma sociedade.

Civilização islâmica em trinta biografias é baseado no estudo da documentação da longa tradição islâmica de narrar a vida das celebridades dessas sociedades, dos letrados aos santos, dos políticos aos artistas. Entretanto, o autor lamenta ao longo de toda a sua obra a falta de fontes confiáveis que pudessem dar mais informações sobre as personagens retratadas. Isso porque a tradição de transmissão do conhecimento e a distância que separa a vida de algumas dessas personagens do interesse que elas despertaram nos estudiosos é longa, o que pode encobrir tais biografias de mitos e falsas narrativas. Aí está outro mérito do trabalho de Robinson, que leva em conta todas essas camadas ao apresentar seus biografados.

Ainda que dividido em trinta biografias, o livro é na realidade uma narrativa sobre a formação, expansão, crises e consolidação do poder e cultura do islã em seu primeiro milênio. Robinson inicia cada uma das quatro partes em que o livro é dividido apresentando um panorama político social dos territórios ocupados pelos governos islâmicos. Essa divisão é cronológica: “Islã e império”, que retrata os primeiros dois séculos de formação do islã e consolidação do império, de 600 a 850 d.C; “A comunidade islâmica”, que narra as biografias de 850 a 1050 d.C, quando as sociedades islâmicas desenvolvem-se administrativamente para organizar o império criando elites locais que, competindo entre si, estimulariam projetos de conhecimento e alta cultura islâmica, tendo a língua árabe como prerrogativa inicial do desenvolvimento intelectual; “Uma síntese transitória”, de 1050 a 1250 d. C, quando o poder do califado está enfraquecido e o poder político está nas mãos de forças militares locais, com as instituições islâmicas ainda preservadas e importantes na consolidação da

unidade subjetiva do islã enquanto comunidade na luta contra as ameaças externas, como as cruzadas; finalmente, “Ruptura e Integração”, de 1250 a 1535 d.C, quando o império islâmico vê sua própria existência ameaçada com a invasão Mongol, a destruição de Bagdá e a extinção do califado abássida. Entretanto, novas configurações de poder são estabelecidas com a islamização dos mongóis e a implementação de suas tradições junto a uma cultura islâmica reconhecível, expandindo os domínios do islã para além do Ganges.

Essa escolha em apresentar cronologicamente as biografias pode causar certo desconforto em alguns momentos. As sequências apresentadas fazem muito sentido no percurso narrativo em determinadas partes, como é o caso da primeira, cujos nomes escolhidos pelo autor são personagens que participaram efetivamente do projeto político e religioso em que se constituiria o islã e o seu império, pois “inspiraram, desenharam, viveram e fundamentaram racionalmente” (p. 17) a criação do califado. Logo, ou os nomes se relacionam diretamente, como os quatro primeiros biografados, Mummad, ‘Ali, ‘Ā’isha e ‘Abd al-Malik; ou constituem as bases do pensamento político, místico e intelectual do início do islã, como Ibn al-Muqaffa’, Rabi’a al-‘Adawiyya e al-Mam’un. Contudo, em outras partes, as biografias pouco dialogam entre si e, ainda que compusessem um perfil dos tipos sociais e políticos que faziam parte da corte e do poder no islã, a substituição de um ou outro nome não faria diferença na compreensão do todo.

Nessa perspectiva, algumas biografias apresentadas podem ser vistas como um disparador temático, apenas. Ibn Muqla (p. 100), por exemplo, é um vizir, escriba e, talvez, o precursor da caligrafia árabe que ao se envolver em casos de enriquecimento ilícito na administração pública tem como punição a mutilação de sua mão. Robinson afirma que não há cópias creditadas a Ibn Muqla, e a sua fala é baseada em inferências feitas com base em outras obras. Que a falta de fontes sobre as personagens escolhidas – ou que fossem minimamente críveis – seja uma lamentação comum do autor ao longo da narrativa, aqui, o que nos parece é que Ibn Muqla é apenas um ponto de partida para que se fale de um tema maior, que é o desenvolvimento da própria caligrafia árabe.

Outra biografia que aparece desconexa do conjunto é a de Abu al-Qasim Ramisht (p. 148), mercador do sudoeste do Irã, que fez fortuna pelo comércio e navegação no porto de Siraf. O autor pouco fala da personagem, que vemos, inclusive, ser apenas uma entre diversas outras que aparecem nos arquivos de uma antiga sinagoga no Cairo antigo, cujos documentos relatam as parcerias e créditos entre os mercadores do período. Robinson dedica-se a apresentar a geografia, as rotas comerciais existentes e os produtos que eram comercializados e retira completamente o foco do retrato

de Abu al-Qasim, transformando sua biografia em algo supérfluo ao conteúdo proposto.

Entre as trinta biografias apresentadas, apenas quatro são sobre mulheres. De fato, é um número baixo, mas que não surpreende se pensarmos no espaço dedicado à mulher no início do islã: à margem do desenvolvimento político e religioso. A mulher organizava o espaço doméstico e é nesse contexto que ela existia, como filha, mãe e esposa. E é nesse sentido que a primeira biografada, ‘Ā’isha, é retratada pelo autor de modo a afastá-la de reinterpretações moldadas por valores de cultura e gênero da modernidade. Ela representa a honra sunita diante das críticas xiitas e ocupa um lugar importante na disputa de narrativas entre as legitimidades do poder e da moral sunitas e xiitas – assim como ‘Ali, cujo retrato biográfico também está presente na obra (p. 31).

Em oposição à figura de ‘Ā’isha, somos apresentados à ‘Arib (p. 74), escrava que vendia seus serviços de entretenimento para a corte, amante de diversos califas. Vale lembrar que a escravidão àquela época é diferente daquela a qual o negro foi submetido nas Américas. No primeiro contexto, escravidão significava servir as famílias urbanas com recursos advindos das habilidades pessoais, quais sejam, música, canto, poesia, jogos etc. Essa prática permitia, inclusive, a conquista de alto status para os escravos. Esse foi o caso de ‘Arib, que graças às suas habilidades intelectuais e musicais conquistou um espaço de prestígio junto à corte. Ela representava os gostos dessa alta cultura das cortes que surgiam ao redor das elites abastadas e, como possuía todos os códigos apreciados por ela, garantiu a sua permanência e influência nesse ambiente. Para Robinson, ela era uma figura pública, que não pertencia a ninguém e gozou de uma liberdade da qual poucos – homens e mulheres – de sua época puderam experimentar, confundindo as categorias sociais de gênero impostas à civilização árabe.

As outras duas mulheres retratadas são Rabi‘a al-‘Adawiyya (p. 54) e Karima al-Marwaziyya (p. 134): a primeira, asceta que foi apropriada por um discurso posterior do sufi e transformada em santa dessa corrente mística; a segunda, letrada especialista em hadiths. Karima foi referência para o estudo da compilação de al-Bukhari, lecionou em Meca e por meio do próprio hadiths disputou o lugar da mulher na busca de conhecimento. O que é interessante na biografia dessas duas mulheres é que, para assegurar seus espaços nesses ambientes dominados por homens, precisaram abdicar completamente do espaço dedicado à mulher àquela época, isto é, nunca se casaram e não tiveram filhos.

Alguns nomes retratados por Robinson são conhecidos àqueles com alguma familiaridade com o mundo árabe, como o letrado Rumi (p. 188), tido como o poeta mais vendido no mundo anglófono, principalmente entre

aqueles mais sedentos por uma espiritualidade sem igreja e religião. O que o autor faz é tentar desmitificar esse símbolo de universalismo ecumênico que Rumi representa no mundo hodierno.

Outra biografia que nos é apresentada sob um novo olhar é a de al-Ma'mun (p. 60). Conhecido em toda historiografia como o patrono do movimento de tradução que impulsionou o desenvolvimento das ciências – a chamada era de ouro do islã –, o califa abássida é retratado por Robinson de maneira a aprofundar a discussão sobre a complexidade de seu governo, como as condições que o levou ao poder, isto é, uma guerra civil – que o autor identifica como a semente da dissolução do império abássida três gerações posteriores. Robinson aborda ainda uma ortodoxia teológica sobre a criação ou não do Qur'ân, que se instalou no governo de al-Ma'mun e provocou uma das maiores perseguições a juizes, teólogos e pensadores desse tempo.

A maior parte das biografias é dedicada àqueles que formaram o pensamento islâmico nas ciências da natureza, na jurisprudência islâmica, na teologia, história e ciências sociais. A escolha das biografias desses letrados levou em conta tanto a contribuição desses autores para a sociedade islâmica de seus tempos, como al-Tabari (p. 85), historiador e jurista árabe, considerado pela modernidade como um dos maiores acadêmicos do mundo islâmico e cuja maior contribuição jaz na perspectiva da formação de um ideal de comunidade islâmica, isto é, na compreensão do islã enquanto universal. Ainda, de intelectuais islâmicos que foram prestar serviços para governantes além dos territórios islâmicos, como relata a biografia de al-Idrisi (p.153), o célebre cartógrafo, autor do *Livro de Rogério* ou, na tradução árabe, *O prazer daquele que deseja viajar para os confins da terra*. O livro é a primeira obra não religiosa a ser publicada na Europa, encomenda do rei da Sicília, Rogério II, no século XII. Em seu mapa, seguindo seus referenciais e visão de mundo, o Norte está para baixo e a Arábia é o centro. Além de intelectuais que contribuíram para o desenvolvimento mundial das ciências, como Ibn Khaldun (p.220), que desenvolveu em sua obra *Muqadimma* ou *Introdução* (à História) as bases de uma “abordagem prematuramente moderna do estudo da história e da sociedade” (p.221), ficando conhecido como o pai da sociologia. E Ibn Rush (p.168), mais conhecido no mundo ocidental como Averróis, cuja obra naturalizou o pensamento grego para uma visão de mundo monoteísta, contribuindo de forma ímpar para o movimento escolástico da cristandade europeia.

Estes e os outros letrados contemplados por Robinson ao longo de toda a narrativa cumprem uma função muito importante na sua obra. O que o autor pretende é comprovar que, ao contrário do que se pensou e foi dito

por muitos historiadores orientalistas, a civilização islâmica nunca deixou de produzir conhecimento. Ao tratar da história do conhecimento no islã, a historiografia costuma considerar apenas os primeiros séculos de sua formação como ápice da produção intelectual islâmica, isto é, os séculos VIII ao X. Os séculos seguintes são vistos como grande vazio resultante de uma civilização percebida como atrasada e decadente, de onde apenas alguns destacados pensadores poderiam surgir. Essa noção de produção intelectual quase inexistente tem relação direta com a configuração política dessas vastas regiões. Argumentam os orientalistas que a interrupção da produção intelectual se dá quando a autoridade política sai das mãos do califado abássida para as mãos das elites militares locais, nem sempre islâmicas. Na direção oposta a esse pensamento, Robinson afirma que o poder cultural exercido pelo islã sobre essas sociedades conseguiu absorver e redirecionar as dinâmicas político-culturais, possibilitando a continuidade de uma vigorosa produção intelectual islâmica, independente do poder político que dominava os territórios.

Dentre as trinta biografias, algumas delas se destacam por se relacionarem diretamente com temas políticos contemporâneos. Saladino (p.159), Timur (p.212) e Ibn Taymiyya (p.205) foram apropriados e utilizados em discursos nacionalistas e extremistas islâmicos. Saladino, enquanto campeão do *jihād*, foi redescoberto pelas sociedades islâmicas apenas no século XIX – antes disso, era seu antecessor Nur ad-Din que despontava sob tal epíteto na historiografia árabe – e tem sido utilizado desde então como símbolo nacionalista do anticruzado por excelência. Timur, por sua vez, tornou-se recentemente, segundo Robinson (p.215), tema de veneração no Uzbequistão, com homenagens feitas pelo cinema, artes plásticas, moedas comemorativas, entre outras formas de adoração. E Ibn Taymiyya, crítico feroz da ortodoxia legal que havia surgido no decorrer dos séculos, acusava os membros do poder político e religioso de trair o monoteísmo puro do profeta. Para ele a sociedade estava entregue à imoralidade e corrupção, ameaçada pelas crenças culturais de não muçulmanos. Não é estranho perceber que o discurso soa familiar: as ideias deste letrado conservador têm sido utilizadas em muitas falas radicais islâmicas de nosso tempo.

Ao chamar atenção para estes personagens e seus discursos, Robinson não negligencia o contexto histórico em que estavam inseridos, facilitando a compreensão e nos alertando das atuais distorções. Dessa forma, quando extremistas se apropriam de teorias e ideias desses letrados, retirando-as de seu lugar histórico por meio de recortes arbitrários convenientes às suas ideologias, acabam por produzir uma série de idiosincrasias e anacronismos perigosos em busca de legitimação de suas posições de extrema radicalidade. Dentro de seu contexto histórico tais ideias foram re-feratadas pelo poder, como mostra a vida de aprisionamento e exílio de Ibn

Taymiyya, na medida em que a severidade de sua teologia o colocava em confronto direto com as moderadas elites legais e religiosas. O que resta ao leitor então, é compreender que se as ideias radicais sempre existiram, é preciso levar em conta o panorama histórico em que se formaram e circularam. O *jihad* de ontem não é o mesmo *jihad* de hoje e nem pode ser justificado sob as mesmas égides.

As escolhas narrativas de Robinson buscam apontar para esse multiculturalismo que formou aquilo que conhecemos como a civilização islâmica. A comunidade islâmica é o acúmulo de mil anos de experiências de conquistas e assimilação de novos saberes e culturas de cada território islamizado. As trinta biografias - impossíveis de serem apresentadas uma a uma aqui – são uma ínfima parte de um número inesgotável de retratos interessantes que podem ser retirados do imenso material de pesquisa que o mundo islâmico oferece, mas consegue apresentar a diversidade e criatividade desta civilização no seu primeiro milênio de existência.

A tradução da obra para o português e a sua publicação é de grande importância como contribuição intelectual sobre as discussões e o interesse que as sociedades islâmicas têm despertado nos últimos tempos no Brasil, carente de trabalhos sobre o islã, principalmente sobre seus primeiros anos. O livro é uma oportunidade para o leitor conhecer algumas histórias de vida intelectual, política e religiosa que contribuíram para a caracterização dos primeiros mil anos de história da civilização islâmica. Mesmo o leitor que já possui alguma familiaridade com a história do islã neste primeiro milênio poderá se surpreender com algumas biografias raras de serem apresentadas no contexto acadêmico. Se o leitor compreender a pluralidade e riqueza da civilização islâmica, o quanto somos herdeiros em diversas áreas dos conhecimentos produzidos por ela e conseguir olhar criticamente para as informações que circulam nas grandes mídias, a publicação da obra já terá cumprido um importante papel na sociedade.